

A TESE DO HEARTLAND DE MACKINDER E A INICIATIVA CINTURÃO E ROTA: A CRESCENTE DEPENDÊNCIA DA RÚSSIA EM RELAÇÃO À CHINA APÓS A GUERRA DA UCRÂNIA

Hanna Samir Kassab¹

Introduction

Os teóricos de Relações Internacionais tendem a focar em uma ontologia específica determinada por uma pergunta de pesquisa (Wight 2006). A ênfase em Estados e seus interesses, regimes, instituições, identidades e normas tem gerado conhecimentos valiosos (Waltz 2010; Keohane 1984; Wendt 1992). Essa dedicação pode obscurecer a realidade, especialmente em relação às mudanças no comportamento dos Estados e às forças que incentivam tais mudanças. Superar essas categorias ontológicas e focar em geografia e economia pode destacar novas estruturas políticas. A incorporação da geopolítica, especialmente considerando a globalização, associada às inovações tecnológicas pode revelar novos horizontes ontológicos. H. J. Mackinder é um dos acadêmicos que utilizou essa abordagem. Seu artigo “*The Geographical Pivot of History*” (1904) e o livro *Democratic Ideals and Reality* (1942) apresentam essa inovação. O foco de Mackinder é a geografia e os recursos, e não os Estados e seus exércitos. O desenvolvimento de categorias como *Heartland* e *World-Island* oferece visões sobre a política global. O argumento central de Mackinder é que quem controla, ou organiza, o *Heartland* do continente eurasiático controla o sistema político mundial. O

¹ East Carolina University, Greenville, USA. E-mail: hskassab@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2706-3226>

Estado russo controla atualmente esse vasto espaço físico, contudo não possui controle sobre portos marítimos necessários para projetar poder globalmente. Mackinder alerta que se a Rússia conseguir acesso a um porto de águas quentes inevitavelmente se tornará o hegemom mundial (Mackinder 1942, 77-80; 99). Isso pode se tornar uma possibilidade caso o clima global continue a aquecer e a região do Ártico derreta completamente (Anderson 2009; Brooke 2012). Contudo, este não é o objetivo deste artigo.

Este artigo se concentra no atual isolamento econômico da Rússia devido à guerra na Ucrânia e o potencial ganho para a China. Quanto mais os Estados ocidentais punem a Rússia, maior a probabilidade de ela se tornar economicamente dependente da China. Quanto mais dependente a Rússia é em relação à China, mais a China exercerá controle sobre a Rússia. Caso a China obtenha esse poder de influência política sobre a Rússia, estará em uma boa posição para organizar o *Heartland* por meio de empréstimos, investimentos econômicos e desenvolvimento de infraestrutura. O processo de organização do *Heartland* já está em andamento por meio da Iniciativa Cinturão e Rota (BRI)². Ao organizar a Rússia dessa maneira, a China teria controle efetivo sobre o território. Este fato, aliado à sua marinha (a maior do mundo) (Burgess 2020), elevará o poder da China. Em outras palavras, a balança de poder internacional estará firmemente a favor da China, potencialmente permitindo sua ascensão pacífica como o único hegemom mundial.

Este artigo está separado em três partes principais. A primeira tarefa é explicar a conexão entre a reação ocidental à guerra na Ucrânia e o aumento da dependência da Rússia em relação à China. As sanções ocidentais levam a Rússia a aprofundar seu comércio com a China, especialmente em áreas que servem aos interesses chineses (Devonshire-Ellis 2020). A limitação de clientes para a Rússia neste domínio obriga a Rússia a permanecer dependente da China. A Teoria da Dependência será discutida para sustentar esta análise. A segunda parte deste artigo conecta a teoria da dependência à tese do *Heartland* de Mackinder. Se a China conseguir moldar a Rússia em seu Estado periférico, controlará, então, efetivamente uma porção significativa do continente euro-asiático. A metodologia deste artigo é teórica, combinando geopolítica e Teoria da Dependência para analisar a relevância dos dados da BRI. Em vez de estudar Estados, este trabalho sugere explorar princípios organizadores. Dependência econômica, cultura, religião, nacionalismo, interesses mútuos e normas são todos exemplos de princípios organizadores (Haugevik e Neumann 2019). Princípios organizadores reúnem atores e

2 No original: *Belt and Road Initiative*

recursos, criando políticas que moldam a realidade. Ao focar somente no Estado, por exemplo, pode-se ignorar uma realidade mais ampla e complexa.

Mackinder enfatiza no final do livro, ainda que de forma rudimentar, que uma potência asiática pode potencialmente conquistar a Rússia e dominar o mundo (Mackinder 1942, 193). Contudo, este artigo prefere examinar a dominação econômica, especificamente a Iniciativa Cinturão e Rota da China. A BRI oferece à China a capacidade de organizar a Rússia por meio de empréstimos e infraestrutura física, semelhante ao que ocorreu no Sri Lanka e em outros Estados em desenvolvimento (Freymann 2021). Ao financiar a Rússia, a China pode ser capaz de ganhar mais poder de influência política sobre a Rússia. A parte final do artigo sugere mudanças na análise das relações internacionais. Em vez de aderir a ontologias estatistas do realismo, liberalismo e construtivismo, este trabalho sugere ir além desse foco limitado. Análises mais ricas e interessantes podem ser conduzidas ao estudar as concentrações de poder, independentemente de qualquer demarcação geográfica de território.

A Guerra na Ucrânia e a Tese do Heartland de Mackinder: O Controle do Heartland pela China

A Rússia invadiu a Ucrânia em fevereiro de 2022 (Brown 2022). Da perspectiva russa, a invasão visava impedir que a Ucrânia se aproximasse demais do mundo ocidental e ingressasse na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). A aproximação da OTAN ameaça a Rússia e tem sido parte de um processo contínuo desde a queda da União Soviética (Mearsheimer 2014; Wolff 2017). Por violar a soberania da Ucrânia, os Estados Unidos e a União Europeia impuseram pesadas sanções contra a Rússia. Potências ocidentais também estão fornecendo armas à Ucrânia (BBC News, 24 de março de 2022). Os Estados Unidos também proibiram a Rússia de usar o sistema SWIFT (Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunications). O sistema SWIFT assegura um sistema de pagamentos estável, eficiente e rápido para transações internacionais (ver [swift.com](https://www.swift.com), acessado em 31 de março de 2022). Em resposta, a Rússia procurou alternativas ao sistema SWIFT (Eichengreen 2022). A Rússia e outros Estados anti-ocidentais, como o Irã, agora dependem dos sistemas de pagamento da China, respaldados pelo renminbi, para contornar o poder americano. Esse cenário pode aumentar o poder e a influência da China e minar a hegemonia americana, na medida em que prejudica os interesses e a posição hegemônica dos Estados Unidos. Isso serve aos interesses da China, que busca uma “ascensão pacífica” em relação aos Estados Unidos, não apenas por oferecer uma alternativa ao dólar

americano e ao sistema de pagamentos, mas também por aumentar seu poder e influência. Assim, o crescente isolamento russo devido à Guerra na Ucrânia está forçando a Rússia a se subordinar à China. A crescente dependência russa permite que a China alcance a influência necessária para atingir objetivos específicos, tais como o desenvolvimento da BRI na Eurásia. Isso se encaixa na grande estratégia da China em criar seu sistema-mundo.

A Teoria da Dependência e a abordagem do Sistema-mundo descrevem a política internacional como um produto das relações econômicas (Martins 2022; Jenkins 2012; Gulalp 1987). Se um Estado é dependente de outro, ele pode ser obrigado a mudar seu comportamento (Ibid). Caso a China continue sendo o principal patrocinador da Rússia diante das sanções ocidentais, a Rússia se tornará cada vez mais dependente da China. Essa crescente dependência permite à China o poder político de influenciar a política externa e os objetivos russos. A abordagem do Sistema-mundo pode postular que a Rússia está se tornando um Estado periférico em relação ao núcleo da China, especialmente se a China conseguir constranger economicamente a Rússia (Wallerstein 1974). Essa relação também pode ser visualizada como uma interdependência assimétrica, na qual a aliança Rússia-China é desequilibrada a favor da China (Keohane & Nye 1989, 10). Como a Rússia precisa mais da China do que a China precisa da Rússia, a China mantém mais poder relativo e, em última análise, pode definir a agenda política.

Em termos simples, a dependência russa em relação à China aumentará o poder relativo chinês em comparação com os Estados Unidos. Isso confere à China um poder significativo sobre o território russo e sua grande estratégia. Se a Rússia tornar-se um autêntico vassalo da China, ela poderá lograr um acesso estratégico ao Ártico, à Ásia Central e partes do Cáucaso e da Europa Oriental. Isso causará um deslocamento do Equilíbrio de Poder para a China, enquanto os Estados Unidos e a Europa podem perder uma influência internacional significativa. A Índia também poderia ficar isolada e a sua segurança nacional é vulnerável, dada a sua dependência de recursos, armamento militar e sistemas de armas russos (Kundu 2008). A geografia torna-se essencial para esta análise. O trabalho de Mackinder sobre a importância da Rússia e da Europa Oriental é central para o Equilíbrio Internacional de Poder. Quem for capaz de organizar a Rússia, aliado a uma marinha avançada e numericamente superior, pode ser capaz de superar os Estados Unidos em poder e influência, sinalizando o fim da ordem internacional liberal.

Para compreender o potencial de mudança hegemônica, é necessário explicar a tese do *Heartland* de Mackinder. Mackinder destaca a importância da geografia para o Equilíbrio de Poder. Em “The Geographical Pivot of History” (1904), o autor oferece um argumento não estadocêntrico ao invés

de focar nas circunstâncias territoriais dos Estados. Este artigo representa a primeira vez que Mackinder tenta construir tal argumento, concentrando-se na centralidade de uma região específica para a segurança mundial: “meu objetivo não será discutir a influência deste ou daquele tipo de característica, nem realizar um estudo em geografia regional, mas sim apresentar a história humana como parte da vida do organismo mundial” (Mackinder 1904, 299, tradução nossa)³. O Equilíbrio de Poder mundial é determinado por essa geografia, especificamente pela noção da área pivô, também conhecida como *Heartland*; ambos os termos são usados de forma intercambiável (Ibid; Mackinder 1943). Essa área nunca foi concebida para ser definida com precisão (Ibid). Em “The Round World and the Winning of the Peace”, Mackinder declara explicitamente isso:

O *Heartland* é a parte norte do interior da Eurásia. Ele se estende desde a costa do Ártico até os desertos centrais e tem como limites ocidentais o amplo istmo entre os mares Báltico e Negro. O conceito não permite uma definição precisa no mapa porque se baseia em três aspectos distintos da geografia física que, embora se reforcem mutuamente, não coincidem exatamente (Ibid 597-598)⁴.

Esses três aspectos são as vastas planícies de baixa altitude a oeste, os rios que atravessam essas planícies e as pastagens que facilitam o deslocamento (Ibid). Na época de Mackinder, esses territórios eram controlados pela União Soviética. Atualmente, estão divididos entre diversos Estados, incluindo Ucrânia, Bielorrússia, Geórgia, Irã, Azerbaijão, Cazaquistão e outros países da Ásia Central, além da Mongólia e das ilhas do Ártico (Mackinder 1904, 312). Mackinder discutiu a região de “pivô”, uma “vasta área da Eurásia que é inacessível a navios, mas que, na antiguidade, estava aberta aos nômades a cavalo...” (Mackinder 1904, 434). Essa área específica é considerada benéfica para quem a controla e prejudicial para quem não a controla. Mackinder continua:

Sua pressão [Referindo-se à área de pivô/*Heartland*] sobre a Finlândia, sobre

3 No original: “my aim will not be to discuss the influence of this or that kind of feature, or yet to make a study in regional geography, but rather to exhibit human history as part of the life of the world organism” (Mackinder 1904, 299).

4 No original: “The Heartland is the northern part of the interior of Eurasia. It extends from the Arctic coast down to the central deserts and has as its western limits the broad isthmus between the Baltic and Black Seas. The concept does not admit of a precise definition of the map for the reason that it is based on three separate aspects of physical geography which, while reinforcing one another, are not exactly coincident” (Ibid 597-598).

a Escandinávia, sobre a Polônia, sobre a Turquia, sobre a Pérsia, sobre a Índia e sobre a China substitui as incursões centrífugas dos nômades das estepes (...). Ela pode atacar de todos os lados e ser forte de todos os lados, exceto pelo norte. O pleno desenvolvimento de sua mobilidade ferroviária moderna é apenas uma questão de tempo (Ibid, 313, tradução nossa)⁵.

Se um Estado fosse capaz de controlar esse território, ele estaria em posição de dominar o continente. Além disso, se o mesmo Estado conquistasse supremacia naval, poderia essencialmente controlar o mundo inteiro (Ibid). Tecnologias como ferrovias ajudariam a organizar o território, o que aumentaria tanto o poder desse Estado que o domínio hegemônico estaria ao seu alcance (Ibid, 314). Portanto, as fronteiras exatas não eram uma preocupação para Mackinder. O mais importante ainda era a(s) potência(s) com a capacidade de organizar o *Heartland* para fins de dominação.

Além disso, Mackinder compreende o Equilíbrio de Poder considerando a geografia. Por exemplo, o *Heartland* era importante porque era inacessível ao poder naval devido às grandes cadeias de montanhas, planaltos e desertos (Mackinder 1942, 1). Ademais, as estepes de baixa altitude próximas às montanhas tornavam os vizinhos vulneráveis a invasões pela potência que controlasse o *Heartland* (Ibid). Portanto, para Mackinder, torna-se extremamente importante que os Estados fora do *Heartland* impeçam os Estados do *Heartland* de acessar portos de águas quentes. A Guerra da Crimeia foi um exemplo disso, assim como qualquer guerra no Oriente Médio. Para garantir o Equilíbrio de Poder, os Estados devem manter o *Heartland* dividido e pequeno. As potências marítimas devem manter os mares abertos e promover alianças entre o *rimland*, Estados ao longo das fronteiras do *Heartland*, como os países da Europa Ocidental (Mackinder refere-se a esses como o *rimland*) e as ilhas externas, Estados fora da Ilha-Mundo, como os Estados Unidos. Dessa forma, o Estado do *Heartland* pode ser efetivamente balanceado contra a Ilha-Mundo. Para Mackinder, Índia e China seriam úteis para conter a Rússia e fornecer esse balanceamento. A Rússia deve falhar em sua tentativa de controlar todo o *Heartland* devido à resposta coordenada do *rimland* e das ilhas externas.

Em resumo, a principal contribuição de Mackinder é a ênfase na importância geopolítica do *Heartland* para a estabilidade mundial. Uma estabilidade no Equilíbrio de Poder pode ser mantida se a Rússia for impedida

5 No original: "Her [referring to the pivot/heartland area] pressure on Finland, on Scandinavia, on Poland, on Turkey, on Persia, On India and on China, replaces the centrifugal raids of the steppemen (...). She can strike on all sides and be strong from all sides, save the north. The full development of her modern railway mobility is merely a matter of time" (Ibid 313).

de acessar um porto de águas quentes ou se outros Estados forem impedidos de controlar ou organizar o *Heartland* russo. Mackinder identifica duas principais ameaças a essa estabilidade: o Japão (em 1904) e a Alemanha (em 1942). Como a Europa Oriental é a porta de entrada para o *Heartland*, ela deve ser dividida ou controlada pelo *rimland* ou por outros Estados da Ilha-Mundo. Se uma potência conseguisse capturar a Rússia sem lutar uma guerra pelo *Heartland*, essa potência essencialmente controlaria o mundo, como diz o resumo de Mackinder, frequentemente citado, mas raramente compreendido:

Quem controla a Europa Oriental comanda o Heartland;
Quem controla o Heartland comanda a Ilha-Mundo;
Quem controla a Ilha-Mundo comanda o Mundo (Mackinder 1942, 50,
tradução nossa)⁶.

A principal ontologia de Mackinder é de que a geografia molda a estrutura da ordem internacional. No entanto, de grande importância também é a tecnologia que organiza o território em questão. A palavra-chave aqui é organizar e não governar. Alguns estudiosos (Laqueur 2015, 99; Brzezinski 1997, 38) não abordam esse ponto: não se trata de possuir o território, mas de organizá-lo. Um Estado pode *controlar* outro Estado se puder influenciá-lo por meios militares (Morgenthau 1985; Nye 2004). A organização é diferente por meio do controle dos principais recursos; possuir a principal infraestrutura de transporte e comunicação é fundamental para essa tentativa. Mackinder alerta explicitamente o Reino Unido sobre os perigos apresentados pela Alemanha, que havia se tornado mais poderosa que a Rússia antes da Primeira Guerra Mundial:

A Entente de 1904 entre a Grã-Bretanha e a França não foi um evento de igual significância; nossos dois países haviam cooperado mais vezes do que não no século XIX, mas a França foi mais rápida em perceber que Berlim havia suplantado Petrogrado como o centro do perigo na Europa Oriental... A Europa Ocidental... necessariamente deve se opor a qualquer Potência que tente organizar os recursos da Europa Oriental e do Heartland (Mackinder 1942, 98, tradução nossa)⁷.

6 No original: “Who rules East Europe commands the Heartland: Who rules the Heartland commands the World-Island: Who rules the World-Island commands the World” (Mackinder 1942, 50).

7 No original: “The Entente of 1904 between Britain and France was not an event of the same significance; our two countries had cooperated more often than not in the nineteenth century but France had been quicker to perceive that Berlin had supplanted Petrograd at the center of danger in East Europe... West Europe... must necessarily be opposed to whatever Power attempts to organize the

Organizar o *Heartland* aumenta o poder e a influência do organizador, tornando a Rússia muito mais fácil de controlar e até conquistar (Ibid, 150). Escrevendo em 1904, Mackinder alerta que, se o Japão derrotasse completamente a China e depois derrubasse o Império Russo, isso constituiria a maior ameaça ao Sistema Internacional, pois isso “...adicionaria uma frente oceânica aos recursos do grande continente, uma vantagem ainda negada ao inquilino russo da região pivô [*Heartland*]” (Mackinder 1904, 314, tradução nossa)⁸.

A análise de Mackinder possui enorme poder explicativo, porém já tem mais de um século. Ele escreveu para o contexto específico de sua época. Desde então, ocorreram mudanças sócio-tecnológicas significantes que moldaram a relação entre geopolítica e ambiente geográfico. Mackinder não poderia ter imaginado os níveis de interconexão econômica, cultural e social trazidos pela globalização (Ehteshami 2017). Nunca houve uma economia tão interconectada definindo uma sociedade internacional impulsionada por grandes avanços tecnológicos como a Internet e o telefone celular.

O impacto da mudança sociopolítica e tecnológica: A tese do Heartland de Mackinder aplicada à atualidade

Há duas principais diferenças socioeconômicas e tecnológicas entre a ordem internacional atual e a de Mackinder. A primeira diz respeito às tecnologias que definem a BRI, e a segunda é o impacto da hegemonia americana. Esses dois fatores nos ajudam a compreender o impacto político da BRI no que se refere a uma potencial hegemonia chinesa.

O impacto da hegemonia americana

O Sistema Internacional atual é muito diferente daquele observado por Mackinder. A Alemanha e o Japão não representam mais ameaças reais à Rússia ou ao Sistema Internacional. Essas potências são subservientes aos Estados Unidos por meio de diversos pactos de defesa e alianças firmados após sua derrota na Segunda Guerra Mundial. O *rimland* e as ilhas periféricas

resources of East Europe and the Heartland” (Mackinder 1942, 98).

8 No original: “...add an oceanic frontage to the resources of the great continent an advantage as yet denied to the Russian tenant of the pivot [*heartland*] region” (Mackinder 1904, 314).

formam juntos a OTAN, que essencialmente desafia a parte ucraniana do *Heartland*. A Rússia busca proteger-se da expansão da OTAN (Mearsheimer 2014). No entanto, obviamente, esse não é o cerne do argumento deste artigo e nem o era para Mackinder. “Quem conseguir organizar o *Heartland* de forma eficaz pode se tornar o *hegemon*” é a tese central da análise deste artigo. O poder econômico e a inovação tecnológica avançada (armamentos sofisticados, sistemas de armas e infraestrutura) farão com que a organização desses vastos territórios seja mais fácil. Assim, um não necessita ocupar fisicamente um território para organizá-lo e, por fim, controlá-lo. A China está em melhor posição para fazer isso, dado que o Ocidente tenta isolar a Rússia.

Para contextualizar a ascensão da China, é essencial compreender a perspectiva russa antes da queda da União Soviética. Ao perder os Estados da Europa Oriental e testemunhar a expansão da OTAN, os líderes russos consideraram essencial destruir o Sistema Internacional unipolar e substituí-lo por um multipolar. Para Putin, “...o colapso da União Soviética foi a maior catástrofe geopolítica do século” (Putin 2005, tradução nossa)⁹. Os Estados Unidos representavam uma ameaça clara e iminente à Rússia, e, portanto, seu status hegemônico precisava ser erradicado. Em outras palavras, “os equilíbrios perturbados um dia serão restaurados” (Waltz citado em Ikenberry 2002, 4, tradução nossa)¹⁰. Diante da incursão americana na percebida esfera de influência russa, o presidente Yeltsin substituiu seu ministro das Relações Exteriores pró-Ocidente por um de tendências revisionistas em 1996: Evgeniy Primakov (Brzezinski 1997, 115). O objetivo final de Primakov era unir outras potências contra-hegemônicas no Sistema Internacional contra os Estados Unidos. Primakov era especialista no Irã e na China, e tinha vasta experiência no estudo do Oriente Médio. Ao apoiar as potências antiamericanas, ele acreditava que seria possível reduzir a presença dos Estados Unidos na Eurásia, assim, aliviando a Rússia de uma grande ameaça securitária. A posição de Yeltsin contra os Estados Unidos evoluiu ainda mais para uma postura contra-hegemônica e, ao final de 1996, a China e a Rússia declararam formalmente a sua intenção de modificar o Sistema Internacional, para que ele não fosse mais “dominado por uma única potência” (Ibid 116, tradução nossa)¹¹.

A Doutrina Primakov buscava reformar o Sistema Internacional Unipolar, para que ele se tornasse Multipolar. Boris Yeltsin, presidente da Federação Russa, escolheu Primakov para formular a estratégia para alcançar

9 No original: “...the collapse of the Soviet Union was the greatest geopolitical catastrophe of the century” (Putin 2005).

10 No original: “balances disturbed will one day be restored” (Waltz quoted in Ikenberry 2002, 4).

11 No original: “dominated by one power” (Ibid 116).

esse objetivo. Primakov, então, desenvolveu uma doutrina que se baseia em cinco princípios:

1. A Rússia é um ator indispensável na política global, que busca uma política externa independente;
2. A política externa russa é compreendida dentro de uma visão ampla de um mundo multipolar gerido por um grupo de nações;
3. O reconhecimento da primazia da Rússia no espaço pós-soviético e na Eurásia é fundamental para todas as abordagens diplomáticas dirigidas ao país;
4. A Rússia se opõe fundamentalmente a qualquer expansão da OTAN; e
5. A parceria com a China constitui um pilar central da política externa russa (Kanikara 2019).

Em síntese, para transformar o Sistema Internacional, a Rússia precisava adotar uma identidade excepcional e restaurar seu prestígio por meio de uma aliança com a China. Ao se apoiarem mutuamente, a Rússia e a China aumentariam o seu poder relativo frente aos Estados Unidos e à Europa. Além disso, ao se opor à qualquer expansão da OTAN, a Rússia manteria o controle sobre a Europa Oriental, garantindo sua esfera de influência necessária para organizar o *Heartland*. O objetivo do governo Yeltsin era um Sistema Internacional Multipolar que seria alcançado por meio de uma estreita parceria com a China. Essa relação se mantém até hoje, sendo melhor representada pela BRI. A BRI financia projetos de construção em todo o mundo e aprofunda a influência política da China globalmente (Freyman 2021).

Inicialmente, existia certo receio de que a BRI reduzisse a influência russa na Eurásia. No entanto, a invasão russa da Ucrânia em 2014 rapidamente deteriorou as relações do país com o Ocidente. As sanções ocidentais levaram Putin a defender relações mais próximas com a China (Ibid 198). Esse estreitamento de relações, então, resultou em projetos da BRI que fortaleceram a grande estratégia da China, especialmente no que tange a segurança energética, através do desenvolvimento de oleodutos e gasodutos, minas de carvão, ferrovias, rodovias, zonas de livre comércio e tecnologias de *blockchain* que facilitaram a interconectividade entre os dois países. A próxima seção abordará o impacto das mudanças tecnológicas na organização do *Heartland* euroasiático, com foco na infraestrutura de segurança energética.

O impacto das mudanças tecnológicas no controle e organização do

Heartland

A invasão russa da Ucrânia em 2022 visa manter a influência russa na Europa Oriental e conter a expansão da OTAN. No entanto, junto ao apoio dado à China, a Rússia corre o risco de se tornar dependente dela, aumentando, assim, as chances do desenvolvimento de uma ordem bipolar em que a Rússia seria subserviente à China. A BRI já coloca a China em vantagem na sua busca por poder e domínio sobre a Eurásia. Antes da guerra entre Rússia e Ucrânia, apenas em 2020, havia sete grandes projetos da BRI em andamento na Rússia:

- *Poder do Gasoduto Siberiano*: Gasoduto de gás natural com 3.000 km de extensão, custo de US\$55 bilhões, leva 38 bilhões de metros cúbicos de gás por ano para a China, gerando US\$400 bilhões em receita para a Rússia [a China vai se tornar o cliente mais importante da Rússia].

- *Projeto de mineração Depósito de Mezhegy*: A China investiu US\$1,8 bilhão em um projeto de mineração de carvão. Prevê-se a produção de 7 milhões de toneladas de carvão por ano durante 30 anos..

- *Ferrovia de Alta Velocidade da Eurásia*: Uma ferrovia de 772 km ligando a China à Europa através da Rússia, com serviço ao longo das principais cidades da rota.

- *Rodovia Meridian*: Uma rota que liga Tóquio a Londres como parte da BRI, conectando as economias dos países por meio das rodovias, promovendo comércio e investimento. Custo: US\$9 bilhões para os 2.000 km de estrada..

- *Zona de Livre Comércio do Ártico Russo*: Desenvolvimento de grandes rotas de transporte, incluindo rodovias e ferrovias para acesso ao interior, com a coordenação da Rússia ao longo do Círculo Polar Ártico. O estabelecimento de uma área de livre comércio no Ártico, concede à China, uma nação não-ártica, acesso à região. A Rússia e a China estão encorajando investimentos no Ártico por meio da concessão de incentivos fiscais e subsídios.

- *União Econômica da Eurásia*: bloco comercial entre Rússia, Bielorrússia, Armênia, Cazaquistão e Quirguistão. Ao integrar esses mercados, a Rússia pode contornar as sanções ocidentais. Essa área é importante para a China como um caminho para a Ásia Central e Europa.

- *Tecnologias Digitais e Blockchain*: A parceria China-Rússia no desenvolvimento de tecnologias do século XXI, incluindo as redes 5G, blockchain e criptomoedas, com a possibilidade de transbordamento em outras áreas (Deveonshire-Ellis 2020).

Observando esses pontos, essas áreas alimentam a grande estratégia da China e suas necessidades de segurança nacional ao contornar o acesso ao Oceano Pacífico. Primeiro, todos os aspectos acima garantem que a China não pode obter acesso ao Pacífico caso haja uma guerra com os Estados Unidos por Taiwan. Segundo, todos os aspectos acima (exceto o último) são sobre acesso à energia (gás e carvão) e ao transporte terrestre. Isso é essencial para a China, considerando sua dependência de fontes estrangeiras de energia, bem como a necessidade de levar seus produtos ao mercado. O mais importante disso é que a China depende de um ponto de estrangulamento (*choke point*) específico para petróleo e gás: o Estreito de Malacca, comumente conhecido como “a veia jugular da China”. Essa área pode ser facilmente bloqueada pelos Estados Unidos e seus aliados (Ashraf 2017; Paszak 2021). Um embargo resultaria em um sério impacto na China. Caso a China continue a desenvolver gasodutos pela Rússia, a China seria capaz de sobreviver a qualquer tentativa de interrupção de energia. Isso não é novidade para a China, visto que, pelos últimos dez anos, tem utilizado seus gasodutos em Mianmar para garantir acesso a petróleo e gás de forma independente ao Estreito de Malacca (The Global Times, 27 de julho de 2023). Especificamente, o gasoduto *Power of Siberia* tem sido fundamental para o esforço de guerra russo, tendo uma conexão direta com a posição de poder econômico da Rússia. Qualquer redução nas compras de energias pelos europeus devido a guerra seria compensada por compras chinesas. A infraestrutura da BRI providenciou a facilidade de transações durante a guerra. Essa é a importância da BRI para o esforço de guerra russo; e a China está tirando total vantagem da situação.

A União Europeia reduziu significativamente as importações de petróleo e gás russos. Segundo a União Europeia: “As importações de petróleo bruto da Rússia caíram de uma média mensal de 8,7 milhões de toneladas no segundo trimestre de 2022 para 1,6 milhões de toneladas no segundo trimestre deste ano (-82%). As importações de gás natural pela UE diminuíram significativamente (-17% em termos de massa líquida) no segundo trimestre de 2023, em comparação com o mesmo trimestre de 2022” (Eurostat, 25 de setembro de 2023, tradução nossa)¹². Os Estados membros da União Europeia estão reduzindo sua dependência do petróleo e gás russos e diversificando, importando da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos (Ibid). A China, ao contrário, está aumentando significativamente suas

¹² No original: “Petroleum oils imports from Russia fell from a monthly average of 8.7 million tonnes in the second quarter of 2022 to 1.6 million tonnes in the second quarter of this year (-82%) EU imports of natural gas dropped significantly (-17% in terms of net mass) in the second quarter of 2023, compared with the same quarter in 2022” (Eurostat September, 25 2023).

compras, apesar da pressão dos Estados membros da OTAN. Por exemplo, em junho de 2022, apenas alguns meses após o início da guerra, a China aumentou as importações em 55%, totalizando 1,98 milhão de barris por dia (Reuters, 20 de junho de 2022). Essas taxas de importação permaneceram constantes, até mesmo aumentando para 2,01 milhões de barris por dia em outubro de 2023 (Hayley e Reuters, 2023). Esses recursos são enviados para a Rússia por meio de gasodutos existentes, especificamente o já mencionado gasoduto *Power of Siberia*, uma parte fundamental da BRI. De fato, 20 dias antes da guerra, Rússia e China assinaram um contrato de 30 anos para o fornecimento de gás à China (Aizhu, 4 de fevereiro de 2022). A infraestrutura da BRI, preparada antes da guerra, posicionou a Rússia para um conflito prolongado graças às relações sólidas com a China. Assim, as importações chinesas de petróleo e gás russos podem ser atribuídas ao uso eficiente dos gasodutos da BRI criados antes da guerra.

Apesar da guerra russo-ucraniana, os projetos listados ainda estão sendo utilizados como parte integral das relações Rússia-China. Não houve novos projetos da BRI entre Rússia e China desde o início da guerra (Khalaf, 24 de julho de 2022). A economia chinesa desacelerou, o que pode ser a razão pela qual não houve qualquer projeto novo. Um relatório do *Green Finance & Development Center* da Universidade de Fudan, em Xangai, afirma que essa situação é apenas temporária (Ibid). Também é possível que a China esteja mudando para outra estratégia, confiando na infraestrutura existente para consolidar investimentos e avançando para outras questões que promovem sua liderança, como segurança alimentar e mudanças climáticas (Hawkins, 16 de outubro de 2023). No entanto, isso não significa que as relações tenham se alterado. A infraestrutura da BRI, particularmente os gasodutos, está sendo plenamente utilizada para transportar petróleo e gás. Ainda assim, existem grandes projetos planejados para a ampla região da Eurásia, como o quadro da União Econômica Euroasiática da Rússia, a política econômica *Bright Road* do Cazaquistão, a estratégia do Turquemenistão de revitalizar a Rota da Seda e o plano *Steppe Road* da Mongólia (Xinhua, 10 de outubro de 2023).

A Iniciativa Cinturão e Rota da China é uma parte fundamental da grande estratégia da China, facilitando sua ascensão pacífica. O objetivo é providenciar fundos para a construção de infraestrutura, provendo empréstimos para países em toda a Eurásia e no mundo, abrangendo estradas, ferrovias e rotas marítimas (Freyman 2021, 2). A China concede empréstimos a Estados como Sri Lanka, Tanzânia e Grécia, e esses recursos são destinados a aeroportos, gasodutos, parques industriais, cabos submarinos e quaisquer outras infraestruturas que buscam facilitar o comércio entre a China e os Estados membros. Esse programa tem sido incrivelmente popular, pois os

Estados membros buscam acesso aos mercados e fundos chineses. O programa fornece empréstimos a países em desenvolvimento. No entanto, muitas vezes, esses empréstimos custam a autonomia política do estado (Woods 2008) e, em outras ocasiões, os Estados assumem esses empréstimos devido a práticas de suborno (Naim 2007). Atualmente, a Rússia é uma parte essencial da BRI e, em última análise, pode precisar depender dos empréstimos chineses para sobreviver à guerra com a Ucrânia, uma guerra sem perspectiva de fim. A China certamente tem muito a ganhar com a guerra se prolongando.

Fatores Complicadores para a Ascensão da China

A hegemonia da China não é de forma alguma inevitável. A China enfrenta ameaças internas e externas à sua sobrevivência. Essas ameaças têm o potencial de inibir o poder da China de maneira absoluta ou interna, e/ou externa ou relativa. Internamente, a economia da China parece estar crescendo de forma mais instável, e sua situação política ficando mais tênue. Externamente, a ascensão da China é percebida como uma ameaça à segurança por Estados vizinhos. Qualquer alteração no status quo internacional, seja a anexação de Taiwan ou o controle completo sobre o Mar do Sul da China, será enfrentada com oposição.

Internamente, existem várias vulnerabilidades notáveis, incluindo vulnerabilidades demográficas, uma economia em desaceleração, uma crise no mercado imobiliário, uma crescente crise de dívida, ameaças ambientais e de saúde contínuas, além de uma população inquieta (Meng 2023; Xi & Zhai 2023; An & Zhang 2023; Yang et al, 2023). A China também está se tornando mais autoritária, com muitos cidadãos enfrentando punições por qualquer crítica ao Partido Comunista Chinês (PCC). O sistema de crédito social também é uma grande preocupação, criando duas classes de pessoas: aquelas que se adequam ao molde do PCC e aquelas que não se adequam. Quanto mais opressivo o regime se torna, mais provável é que os protestos se tornem violentos. A internação de uigures também é significativa. Se essas vulnerabilidades se agravarem, a China como a conhecemos pode colapsar de forma semelhante à União Soviética. A bolha no mercado imobiliário se assemelha à bolha de ativos do Japão. Nos anos 1980, era esperado que o Japão se tornasse um competidor hegemônico dos Estados Unidos. No entanto, em 1991, o país sofreu um colapso econômico devido a bolhas nos preços de ativos e a economia japonesa ainda não se recuperou (Yoshikawa 2007). A China pode seguir o mesmo caminho que o Japão, que sofre com uma economia que se recusa a crescer. Portanto, há possibilidades reais de

que as ambições globais da China não se concretizem, dadas as delicadas circunstâncias domésticas.

Externamente, os Estados vizinhos podem complicar a ascensão da China como a única potência eurasiática e, possivelmente, hegemônica global. Existem três principais alianças que buscam contrapor as ambições da China. A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), o Diálogo de Segurança Quadrilateral (QUAD: Estados Unidos, Japão, Índia e Austrália) e a AUKUS (parceria de segurança entre Austrália, Reino Unido e Estados Unidos), além disso, outras potências relevantes, como Filipinas, Vietnã e outros Estados com interesses declarados no Mar do Sul da China, também procuram conter as ambições chinesas na região do Indo-Pacífico; o mesmo com a recente cúpula trilateral entre os Estados Unidos, o Japão e a República da Coreia (Orta, 14 de agosto de 2023). Qualquer desequilíbrio de poder, como um aumento massivo relativo do poder da China devido ao controle sobre a Rússia, apresenta uma grande ameaça para Estados relativamente mais fracos ao redor do espaço eurasiático. O QUAD e o AUKUS são específicos para balancear a ameaça representada pela China (Kassab 2023; Mouritzen 2023). Fox (2023) detalha as dificuldades que os Estados da primeira cadeia de ilhas enfrentam devido aos objetivos expansionistas da China. Schreer (2022) vê a resposta da OTAN ao controle chinês sobre o *rimland* euroasiático como uma ameaça que requer uma resposta forte.

Quanto mais poderosa a China se torna, mais os Estados vizinhos buscarão balancear contra a ameaça (Walt 1985). Estados relativamente mais fracos, caso percebam que a resposta de uma grande potência é pequena ou inexistente, tenderão a alinhar-se à ameaça (*bandwagoning*) (Ibid). Potências relevantes médias, como Reino Unido, Canadá, França, Alemanha, Índia e Austrália, são poderosas militarmente; alguns desses Estados possuem capacidade nuclear e outros equipamentos essenciais para conter a China. A Austrália é um ator importante. Como membro do QUAD e do AUKUS, adquiriu um número significativo de submarinos nucleares que são centrais para estratégias de dissuasão (Miller e Mahdani 2023). Estados relativamente mais fracos, como as Filipinas, também estão reagindo à agressão da China no Mar do Sul da China. Esses Estados estão balanceando a China com os Estados Unidos. Qualquer desequilíbrio de poder representa uma ameaça para Estados relativamente mais fracos. Como alguns Estados têm mais poder do que outros, eles se comportarão diferentemente. Por exemplo, Grandes Potências podem balancear uma ameaça, enquanto Estados mais fracos podem alinhar-se a ela (*bandwagoning*). Esses comportamentos são determinados pela distribuição relativa de poder. Em outras palavras, qualquer desequilíbrio relativo de poder levará os Estados menos poderosos a

formarem alianças entre si e com outros Estados menos poderosos, caso um Estado mais poderoso represente uma ameaça ao grupo. No entanto, esses Estados não podem ser categorizados como Grandes Potências devido a essa diferença de poder relativo. À medida que o Sistema Internacional muda, Estados mais fracos, incluindo potências médias, serão forçados a balancear a ameaça ou a alinhar-se a ela (Waltz 2010; Mearsheimer 2001). Alguns Estados, como Reino Unido, França e Japão, estão colaborando e desfrutando de relações produtivas tanto com os Estados Unidos quanto com a China. Em outros casos, como Índia e Austrália, as relações com a China colapsaram. Devido à proximidade com a China, Austrália e Índia estão sendo punidas por suas relações de segurança com os Estados Unidos, especificamente por sua participação no QUAD. À medida que as diferenças de poder relativo entre as Grandes Potências aumentam e a competição entre as Grandes Potências intensifica-se, Estados de potência média podem em breve ser forçados a balancear ou alinhar-se com os Estados Unidos ou a China, dependendo de suas percepções da ameaça (Walt 1985). Nestas circunstâncias, as potências médias devem adaptar-se ao novo ambiente estrutural (Brooks e Wohlforth 2016; Kydd 2020).

É importante observar a crescente oposição contra a China. Interessantemente, a Rússia pode também buscar livrar-se do jugo da China. China e Rússia ainda possuem disputas territoriais, como as envolvendo Vladivostok e a Ilha Bolshoi Ussuriysky (Brennan 2023). A Rússia pode ver sua dependência crescente da China como uma ameaça existencial, uma vez que uma China poderosa pode redesenhar as fronteiras da Eurásia, aumentando seu tamanho e poder, consolidando para sempre a Rússia como seu vassalo. Antes da Guerra Rússia-Ucrânia de 2022, esse medo certamente prevalecia no governo russo, com alguns temendo que a BRI fosse “apenas mais uma tentativa [da China] de roubar a Ásia Central de nós” (Freyman 2021). O Ocidente poderia capitalizar esses medos, utilizando disputas territoriais, entre outros tipos de desacordos, para criar uma divisão entre China e Rússia. Qualquer coisa que semeie desconfiança entre esses dois Estados revisionistas degradará a capacidade da China de organizar a Rússia. Mais contemporaneamente e realisticamente, parece que a Rússia está ignorando essa preocupação em favor de uma dependência estratégica mais profunda da China. No entanto, isso não significa que o Ocidente deva renunciar a uma opção de isca e sangramento (*bait-and-bleed*), dividindo a parceria China-Rússia (Mearsheimer, 2001).

É difícil saber se a Rússia simplesmente aceitaria um papel secundário na nova ordem internacional no longo prazo. A Rússia tem um histórico de excepcionalismo, mas era de conhecimento da Rússia que qualquer

envolvimento em uma aliança com a China, a longo prazo, relegaria a Rússia a um parceiro subordinado (Brzezinski 1997, 117). Brzezinski observa que a China, um país “... mais populosa, mais industrial, mais inovadora, mais dinâmica e com alguns possíveis projetos territoriais contra a Rússia... inevitavelmente remeteria a Rússia ao status de parceiro júnior, ao mesmo tempo em que não teria os meios para ajudar a Rússia a superar seu atraso” (Ibid, 117, tradução nossa)¹³. Ao ser essencialmente subordinada, a China pode organizar a Rússia de forma eficiente. Isso pode estar em andamento agora, considerando o conflito com o Ocidente sobre a Ucrânia e os benefícios econômicos da Iniciativa Cinturão e Rota. Esses dois fatores podem ser a rota para a organização do *Heartland* pela China e para o controle da Ilha-Mundo do Sistema Internacional.

Conclusão: Indo além do Estado, Abraçando Princípios de Organização

Embora se possa argumentar que os “motivos, objetivos, e intenções... (de Putin) são importantes, até mesmo as figuras mais poderosas devem operar dentro tanto da estrutura internacional quanto do contexto político doméstico” (Lobell et al 2012, 11, tradução nossa)¹⁴, é a configuração geográfica que constrói e molda a estrutura internacional e o contexto político doméstico resultante.

Embora figuras como Alexander Dugin expressem planos para todo o espaço geopolítico eurasiático (Sullivan et al, 2020), é claro que a China suplantará essa ambição. Autores como Brzezinski e Laqueur destacam a importância da região, mas podem não perceber o significado do que Mackinder quis dizer com “organização”. Princípios de organização são ideias orientadoras que reúnem recursos e pessoas para um objetivo ou propósito específico (Haugevik e Neumann, 2019). Se a China puder efetivamente dominar a Rússia através da Iniciativa Cinturão e Rota, por exemplo, ela controlará a Rússia. A Guerra da Ucrânia pode inaugurar essa dependência, dando à China maior influência sobre a Rússia.

Se a China, através da BRI, aprimorar sua habilidade de organizar

¹³ No original: “...more populous, more industrious, more innovative, more dynamic, and harboring some potential territorial designs on Russia...would inevitably consign Russia to the status of a junior partner, while at the same time lacking the means to help Russia overcome its backwardness” (Ibid 117).

¹⁴ No original: “motives, aims, and intentions...[is] important, even the most powerful figures must operate within both the international structure and domestic political context” (Lobell et al 2012, 11).

o *Heartland* russo, ela irá, em última instância, ganhar o controle dele sem guerra. Expandindo seu território, a China poderá acessar os recursos russos, seu espaço geopolítico, e possivelmente suas Forças Armadas. Isso fará da China o Estado mais poderoso no Sistema Internacional. Se a hipótese de Mackinder estiver correta, se a China controlar o *Heartland*, ela controlará a Europa e, em última instância, o mundo. Isso deixaria os Estados Unidos, potencialmente, isolados, já que as Forças Armadas russas poderiam ser usadas contra a Europa. Enquanto a Índia e outros atores, como o Japão e a Austrália, podem ajudar a trazer equilíbrio ao Sistema Internacional, a tarefa essencial será facilitar a autonomia da Rússia em detrimento de continuar a enfraquecê-la. Trazer a Rússia para fora do seu isolamento atual pode ser um inibidor da habilidade chinesa de organizar o *Heartland*. Indo além do Estado, então, os acadêmicos devem permanecer ontologicamente flexíveis.

Mackinder vê a China como mais periférica (baseado num entendimento reducionista da ordem internacional) e possivelmente por conta do tempo em que escreveu, a China estava significativamente enfraquecida depois do seu Século de Humilhação (Século XIX) e da Guerra Civil (Século XX). Relativamente mais fraca que a Rússia ou a Alemanha na mesma época, Mackinder não viu a China como uma grande organizadora, mas sim a Alemanha e, depois, o Japão. Contudo, hoje é muito diferente e a China cresceu em poder e influência. Muitas das variáveis que determinam a importância da Ilha-Mundo permanecem as mesmas, mas agora ela é ainda mais populosa e rica. A China vai efetivamente poder influenciar a política externa e militar russa. Juntas, na eventual invasão planejada de Taiwan, os Estados Unidos seriam deixados para lutarem uma guerra em duas frentes contra a Rússia e a China, com a possibilidade de um Irã agressivo esperando nos bastidores. A guerra na Ucrânia pode ser essencialmente o fim da hegemonia americana e o começo da chinesa..

Referências

- “About Us” SWIFT, accessed March 31, 2022 <https://www.swift.com/about-us>
- An, Y., & Zhang, L. (2023). The thirst for power: The impacts of water availability on electricity generation in china. *The Energy Journal* (Cambridge, Mass.), 44(2), 205-240.
- Anderson, A. “The Great Melt: The Coming Transformation of the Arctic.” *World Policy Journal* 26, no. 4 (2009): 53-64
- Ashraf, J. “String of Pearls and China’s Emerging Strategic Culture.” *Strategic Studies*, 37, 4, (2017): 166-181.
- Aizhu, C. “Russia, China agree 30-year gas deal via new pipeline, to settle in euros” Reuters, February 4, 2023 <<https://www.reuters.com/world/asia-pacific/exclusive-russia-china-agree-30-year-gas-deal-using-new-pipeline-source-2022-02-04/>>
- BBC News, “What sanctions are being imposed on Russia over Ukraine invasion?” March 24, 2022, <<https://www.bbc.com/news/world-europe-60125659>>
- Brennan, D. “Russia Breaks Silence Over China Map Claiming Its Territory” *Newsweek*, September 1, 2023 <<https://www.newsweek.com/russia-breaks-silence-china-map-disputed-islands-1823983>>
- Brooke, J. *Climate Change Melts Away Obstacle to Arctic Shipping for China, Russia*. Washington: Federal Information & News Dispatch, LLC, 2012.
- Brooks, Stephen G. and William C. Wohlforth. 2016. “The Rise and Fall of the Great Powers in the Twenty-First Century: China’s Rise and the Fate of America’s Global Position.” *International Security* 40 (3): 7-53.
- Brzezinski, Z. *The Grand Chessboard: American Primacy and its Geostrategic Imperatives*. New York: Basic Books, 1997.
- Brown, D. “Ukraine conflict: Where are Russia’s troops?” BBC News, February 23, 2022, <<https://www.bbc.com/news/world-europe-60158694>>
- Burgess, Richard R. “Pentagon Assessment: China Now has World’s Largest Navy.” *Sea Power* 63, no. 8 (2020): 6.
- Devonshire-Ellis, C. “Eight Russian Belt And Road Initiative Opportunities Coming To Completion That Foreign Investors Should Be Aware Of.” *Russia Briefing*, October 21, 2020: <<https://www.russia-briefing.com/news/eight-russian-belt-and-road-initiative-opportunities-coming-to-completion-that-foreign-investors-should-be-aware-of.html/>>

- Dugin, A. *The Rise of the Fourth Political Theory: The Fourth Political Theory Vol. II*. Budapest: Arktos Media Limited, 2017.
- Eichengreen, B. "Sanctions, SWIFT, and China's Cross-Border Interbank Payments System." CSIS, May 20, 2022, <<https://www.csis.org/analysis/sanctions-swift-and-chinas-cross-border-interbank-payments-system>>
- Ehteshami, A. (2007). *Globalization and geopolitics in the middle east: Old games, new rules* (1st ed.). Routledge
- Freymann, E. *One Belt, One Road: Chinese Power Meets the World*. Cambridge: Harvard University Asia Center, 2021.
- The Global Times, "Myanmar-China Gas Pipeline enters 10th year of operation, shipping 52 bcm so far" July 27, 2023 <<https://www.globaltimes.cn/page/202307/1295174.shtml>>
- Gulalp, H. "Dependency and World-System Theories: Varying Political Implications." *Journal of Contemporary Asia* 17, no. 1987 (1987): 131-139.
- Harper, T. "China's Eurasia: the Belt and Road Initiative and the Creation of a New Eurasian Power." *The Chinese Journal of Global Governance* 5, 2, (2019): 99-121.
- Haugevik, K., and Iver B. Neumann. *Kinship in International Relations*, edited by Haugevik, Kristin, Iver B. Neumann. 1st ed. Vol. 1. Milton: Routledge, 2019.
- Hawkins, A., "China woos global south and embraces Putin at belt and road Beijing summit" October 16, 2023 <<https://www.theguardian.com/world/2023/oct/16/china-woos-global-south-and-embraces-putin-at-belt-and-road-beijing-summit>>
- Hayley, A., and Reuters "Russia remains China's top oil supplier in October" *Zawya*, November 20, 2023 <<https://www.zawya.com/en/world/china-and-asia-pacific/russia-remains-chinas-top-oil-supplier-in-october-bdxq4020>>
- Ikenberry, G. J. (2002). *America Unrivaled: The Future of the Balance of Power*, Cornell University Press, Cornell
- Jenkins, R. "Latin America and China: A New Dependency?" *Third World Quarterly* 33, 7, (2012): 1337-1358
- Kainikara, S. (2019). "Russia's Return To The World Stage: The Primakov Doctrine – Analysis." *Eurasian Review*, November 5 <<https://www.eurasiareview.com/05112019-russias-return-to-the-world-stage-the-primakov-doctrine-analysis/>>

- Kassab, Hanna Samir. "What is the Indo-Pacific? Genealogy, Securitization, and the Multipolar System." *Chinese Political Science Review* 8, no. 4 (2023): 573-596.
- Keohane, R and Nye, J., (1989). *Power and Interdependence*, 2nd edition, Harper Collins, New York
- Keohane, R. *After Hegemony: Cooperation and Discord in the World Economy*, Princeton: Princeton University Press, 1984.
- Khalaf, R., "China's Belt and Road spending in Russia drops to zero" *Financial Times*, July 24, 2022 <<https://www.ft.com/content/470e2518-410b-4e78-9106-cf881dd43028>>
- Kundu, Nivedita Das. "India's Strategic Cooperation with Russia and its 'Near Abroad' States." *India Quarterly* 64, no. 4 (2008): 73-101
- Kydd, A., "Switching Sides: Changing Power, Alliance Choices, and US-China-Russia Relations" *International Politics* 57, no.5 (2020), 855-884
- Laqueur, W. *Putinism: Russia and its future with the West*. New York: St. Martin's Press. 2015.
- Mackinder, H. J. "The Round World and the Winning of Peace." *Foreign Affairs* 21, no.4 (1943): 595-605.
- Mackinder, H. J. *Democratic Ideals and Reality*. Washington DC: National Defense University, 1942.
- Mackinder, H. J. "The Geographical Pivot of History." *The Geographical Journal* 170, 4 (1904): 298-321.
- Martins, Carlos Eduardo. "The Longue Durée of the Marxist Theory of Dependency and the Twenty-First Century." *Latin American Perspectives* 49, no. 1 (2022): 18-35.
- Mearsheimer, J., J. "Why the Ukraine Crisis is the West's Fault: The Liberal Delusions that Provoked Putin." *Foreign Affairs* 93, no. 5 (2014): 77-89.
- Meng, X. (2023). The People's Republic of China's 40-year demographic dividend and labor supply: The quantity myth. *Asian Development Review*, 40(2), 111-144.
- Morgenthau, H. *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace*, 6th ed, New York: McGraw-Hill, 1985.
- Mouritzen, Hans. "Europe: Divided Over AUKUS and China." *International Journal (Toronto)* 78, no. 3 (2023): 454-462.
- Naím, M. "Missing Links: Rogue Aid." *Foreign Policy* no. 159 (2007): 96-95.
- Nye, J. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. Cambridge:

- Perseus Books Group, 2004
- Orta, K., Poised to Meet: What to Expect from the US-ROK-Japan Trilateral Summit? Wilson Center, August 14, 2023 <<https://www.wilsoncenter.org/article/poised-meet-what-expect-us-rok-japan-trilateral-summit>>
- Paszak, P. "China and the 'Malacca Dilemma'" Warsaw Institute, February 28, 2021 <<https://warsawinstitute.org/china-malacca-dilemma/>>
- Reuters "China's imports of Russian crude oil hit record high" CNN.com, June 20, 2022 <<https://www.cnn.com/2022/06/20/energy/china-russia-oil-imports-record/index.html>>
- Schreer, Benjamin. "A Geopolitical and Geostrategic Blueprint for NATO's China Challenge." *Comparative Strategy* 41, no. 2 (2022): 189-202.
- Sullivan, Charles Robert and Amy Fisher-Smith. "The Extremist Construction of Identity in the Historical Narratives of Alexander Dugin's Fourth Political Theory." In *Far-Right Revisionism and the End of History*, edited by Valencia-García, Louie Dean. 1st ed., 138-156: Routledge, 2020.
- Taliaferro, Jeffrey W., Norrin M. Ripsman, and Steven E. Lobell. *The Challenge of Grand Strategy: The Great Powers and the Broken Balance between the World Wars*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- Wallerstein, I. *The Modern World-System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century* New York: Academic Press, 1974.
- Walt, S., *The Origins of alliances*, Cornell: Cornell University Press, 1987
- Waltz, K. *Theory of International Politics*. Long Grove: Waveland Press, 2010.
- Wendt, A. *Social Theory of International Politics*, Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- Wight, C. *Agents, Structures, and International Relations: Politics as Ontology*. New York: Cambridge University Press, 2006.
- Woods, N. "Whose Aid? Whose Influence? China, Emerging Donors and the Silent Revolution in Development Assistance." *International Affairs* (London) 84, no.6 (2008): 1205-1221.
- Wolff, A, T. "The Future of NATO Enlargement After the Ukraine Crisis." *International Affairs* (London) 91, no. 5 (2015): 1103-1121.
- Xi, B., & Zhai, P. (2023). Economic growth, industrial structure upgrading and environmental pollution: Evidence from china. *Kybernetes*, 52(2), 518-553.

- Xinhua “The Belt and Road Initiative: A Key Pillar of the Global Community of Shared Future.” The State Council Information Office: The People’s Republic of China. October 10, 2023, <http://english.scio.gov.cn/whitepapers/2023-10/10/content_116735061_5.htm>
- Yang, W., Zhang, Z., Wang, Y., Deng, P., & Guo, L. (2022). Impact of China’s provincial government debt on economic growth and sustainable development. *Sustainability* (Basel, Switzerland), 14(3), 1474.
- Yoshikawa, H. (2007). Japan’s lost decade: What have we learned and where are we heading? *Asian Economic Policy Review*, 2(2), 186-203.

RESUMO

Este artigo argumenta que o atual isolamento econômico da Rússia, provocado pelas sanções ocidentais devido à Guerra da Ucrânia, aumenta a dependência econômica em relação à China. Quanto mais dependente for a Rússia, mais a China exercerá controle sobre ela. Se a China obtiver total poder de influência política sobre a Rússia, ela estaria pronta para se tornar um hegemon global. H. J. Mackinder argumenta que quem controla o Heartland do continente eurasiático, controla o sistema político mundial. Este artigo é único em sua abordagem, uma vez que atualiza a tese de Mackinder para o Sistema Internacional atual, incorporando redes comerciais como princípios organizadores. Formuladores de políticas e profissionais militares não podem mais considerar a China separada da Rússia, mas como parte de uma unidade política simbiótica que posa como um desafio para a hegemonia americana. A metodologia é teórica por natureza, sintetizando geopolítica com Realismo e Neomarxismo para explicar a ordem internacional emergente. Tal abordagem é também nova e inovadora. Por isso, as forças armadas dos Estados Unidos devem preparar-se para um mundo de pares próximos e entender o mecanismo por trás dele. O eixo Anti-Americano emergente liderado pelo poderio econômico da China é definido por redes de dependência, com Rússia (e outros atores como o Irã) servindo como base.

PALAVRAS-CHAVE

Geopolítica; Dependência; Rússia; Mackinder; Poder; Influência.

Recebido em 9 de outubro de 2024

Aprovado em 26 de dezembro de 2024

Traduzido por João Gabriel Birck da Silva